

INFLUÊNCIAS DO FRÜHROMANTIK NA CONCEPÇÃO DE NATUREZA EM ALEXANDER VON HUMBOLDT: QUESTÕES PARA A ATUALIDADE DA GEOGRAFIA FÍSICA

Frühromantik influences on Alexander von Humboldt's conception of nature: issues for today's Physical Geography.

La influencia del Frühromantik en la concepción de naturaleza en Alexander von Humboldt: cuestiones para la actualidad de la Geografía Física

Kalina Salaib Springer¹
Antonio Carlos Vitte²

Resumo

O artigo procura demonstrar a influência da frühromantik na concepção de natureza em Alexander von Humboldt que estruturou esta visão na geografia científica. Rompendo com a visão cartesiana-newtoniana de natureza e razão, a frühromantik coloca que a questão não é epistemológica, mas ontológica, emergindo deste debate uma concepção orgânica de natureza e de razão enquanto complexo entre o racional e o sensível. Além da forte influência dos poetas e filósofos, destaca-se a naturphilosophie e para a filosofia-da-natureza de Schelling, que formaram a visão de natureza enquanto cosmos, dinâmica e em perpétua interconexão. Em Alexander von Humboldt, esta reflexão filosófica emergirá como proposta metodológica para a geografia, onde a paisagem geográfica é o produto da interconexão entre o racional e o sensível. As reflexões da frühromantik e de Humboldt potencializam o atual debate teórico-metodológico na geografia física, ao colocar que o problema atual não é de ordem de método ou epistemológico mas de ordem filosófica frente as novas naturezas na contemporaneidade.

Palavra-chave: Frühromantik; Humboldt; Natureza; Geografia Física; Ontologia.

Abstract

This article aims to demonstrate the influence of *frühromantik* on Alexander von Humboldt's conception of nature in order to show that he has been a gatekeeper to this vision in scientific geography. *Frühromantik* breaks up the Cartesian-Newtonian Nature and Rationale while introduces a perspective on ontology and not on epistemology because it emerges from a conception of an organic Nature and Rationale driven by complexity among the rational and the sensible. In a comparison context *Naturphilosophie* and Schelling's philosophy of nature stand out due to the vision of nature compared to a dynamic and perpetually interconnected cosmos in addition to the strong influence of poets and philosophers. This philosophical reflection emerges from Alexander von Humboldt as a methodological proposal for geography that takes geographical landscape resulting as product of the interconnection between the rational and the sensible. Reflections on frühromantik and Humboldt potentiate the current theoretical and methodological discussions in physical geography because they bring into the debate a philosophical issue in the current context of new Natures and not questions related to the method or epistemology.

Keywords: Frühromantik; Humboldt; Nature; Physical Geography; Ontology.

Resumen

El artículo busca demostrar la influencia del primer romanticismo alemán en la concepción de la naturaleza en Alejandro de Humboldt quien estructuró esta visión de la geografía científica. Romper con la visión cartesiana - newtoniana de la naturaleza y de la razón , el primer romanticismo alemán pone la cuestión no es epistemológica sino ontológica , que emerge de este debate una concepción orgánica de la naturaleza y la razón como un complejo entre lo racional y lo sensible. Además de la fuerte influencia de los poetas y filósofos , se destaca Filosofía de la Naturaleza del Schelling , que formó la visión de la naturaleza como el cosmos , la interconexión dinámica y perpetua . En Alejandro de Humboldt, esta reflexión filosófica surge como propuesta metodológica para la geografía, donde el paisaje geográfica es el producto de la interrelación entre lo racional y

¹ Geógrafa. Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: springer_kalina@yahoo.com.br

² Geógrafo. Pesquisador Nível 2 CNPq. Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo. Professor MS3 da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: acarlosvitte@uol.br

sensible. Reflexiones del primer romanticismo alemán y Humboldt potencian los actuales debates teóricos y metodológicos de la geografía física, poner el problema actual no es el método o del orden epistemológica sino de la orden filosófica frente nuevas naturalezas en la actualidad.

Palabras-clave: Primer romanticismo alemán; Humboldt; Naturaleza; Geografía física; Ontología.

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente artigo é discutir o papel da *frühromantik* na concepção de natureza de Alexander von Humboldt. A temática é pouco explorada na historiografia da geografia, seja no plano nacional ou mesmo mundial. Esta ausência deve-se segundo o nosso entender a dois momentos, o primeiro, está associado a uma leitura pouco aprofundada das obras de Humboldt e que infelizmente quando realizadas, foram associadas às interpretações maniqueístas. Tal momento relaciona-se de um lado com o baixo desenvolvimento de trabalhos no Brasil sobre história e epistemologia da Geografia e de outro, a busca de uma concepção de sociologia da ciência que permita esquadrihar as ideias de um determinado momento, assim como seu autor, em uma rede de relações e contextualizações, donde emergem a produção de metodologias e de bases conceituais para a formação de uma ciência em particular (LENOIR, 2003).

Associado a este último caráter, ao de uma sociologia da ciência exploratória e interpretativa, que exige dada a complexidade do tema, uma investigação arqueológica; a própria complexidade da produção humboldtiana, uma vez que o mesmo recebeu influências newtonianas e ao mesmo tempo da *frühromantik* e de sua *naturphilosophie*. Se tomarmos como premissa a existência de uma duplicidade científica em Humboldt, com certeza caminharemos no abismo vazio de uma interpretação epistemológica, pois a produção de Alexander von Humboldt não é a somatória, mas a conexão, a transposição conceitual de duas grandes correntes que se mesclam, fundem e permitem a recriação de um debate ontológico sobre a razão e a natureza. Decorre disto, que a geografia humboldtiana desloca-se de uma questão meramente geométrica e cartográfica, para uma ontológica, em que a superfície da Terra e suas diferenciações constituem a propedêutica kantiana para o conhecimento do mundo, mas a partir de uma realização do ser, que se apresenta como paisagem geográfica ao olhar do sujeito, exigindo uma requalificação deste mesmo sujeito e de sua razão.

Isto somente foi possível porque Humboldt adotou a premissa ontológica de que a natureza é orgânica, realiza-se enquanto unidade cosmológica em múltiplas escalas e potencialidades. É esta abertura que se desloca de um plano cartesiano-newtoniano meramente epistemológico, para um ontológico; o que permite a Humboldt qualificar os

estudos da natureza, instrumentalizando-o a partir do conceito de Terra, produto de interações e interconexões, uma poíesis em movimento dialético, em um universo aberto, relativo e relacional.

A influência da frühromantik na concepção de natureza em Humboldt abre uma possibilidade de debates no interior da ciência geográfica e em particular na geografia física, em que temos que enfrentar as várias ordens de natureza e suas significações para a humanidade.

CARACTERÍSTICAS DA FRÜHROMANTIK

Genericamente inserido no contexto romântico alemão, o *Frühromantik*, pode ser considerado um tema extremamente controverso e ao mesmo tempo complexo em sua abordagem na teoria literária, na ética, na estética e na filosofia. Esta situação deriva de um lado as múltiplas interferências interpretativas e de ordem ideológica

No caso ideológico, a visão negativa sobre a *Frühromantik* está associada a certa interpretação marxista que passou a predominar logo após a II Guerra Mundial (1939-1945), onde os ideais românticos foram diretamente associados a ideologia nazifacista. No plano acadêmico, genericamente a *Frühromantik* foi classificada simplesmente como romantismo e os críticos literários dominados pela filosofia analítica anglo-saxônica devido ao que eles chamaram de viés subjetivista (BOWIE, 1993; LARMORE, 1996).

Esta generalização evidenciava o profundo obscurecimento à cerca dos termos ‘romântico’, ‘Romantismo’ e ‘*Frühromantik*’. Caracterizado por uma multifacetariedade de estilos e autores as complexidades artísticas, sentimentais, filosóficas e científicas retratadas nas obras indica a diversidade de conotações e definições que o termo “romântico” adquiriu até a contemporaneidade. Segundo Furst (1971, p. 3)³, “A dificuldade em conceituar o Romantismo está em encontrar uma definição uma vez que várias são as definições existentes”.

De acordo com Rötzer (2006), é problemático falar em um Romantismo alemão, um movimento de características diversificadas e até contraditórias, que reuniu tendências das mais revolucionárias até as mais conservadoras e englobou posturas que vão desde a pungente ingenuidade até o forte espírito crítico.

³ The difficulty in approaching Romanticism is thus less that of finding a definition, than of finding one’s way through the maze of definitions that have already been put forward. (FURST, 1971, p. 3) [Tradução nossa]

Assim, foi um movimento, cuja maleabilidade possibilitou a germinação e o desenvolvimento de variadas ramificações ou ainda vários “romantismos”. Isso não se refere apenas às nações em que cada uma desenvolveu o movimento com particularidades específicas, mas também aos próprios autores, cujo espírito romântico fez expandir características individuais específicas e variadas ao longo de sua vida: a cada obra, seu autor apresenta-se de forma diferente.

Essa maleabilidade caótica, dispersiva e assimétrica resultaria em uma produção literária que, a cada novo texto, acrescentava ao movimento uma nova face, um novo estilo e denominar essa diversidade de produções e autores dentro de um movimento único denominado “Romantismo” já é, por si só, simplificador, uma vez que o próprio movimento, na Alemanha, apresentou três fases distintas: *Frühromantik* (1795-1802), *Hochromantik* (a partir de 1805) e *Spätromantik* (a partir de 1810).

No entanto, nas primeiras décadas do século XXI, alguns pensadores como Beiser (2002, 2003) e Richards (2002) vem apontando em seus escritos as incongruências nas antigas interpretações sobre a *Frühromantik*, destacando o seu viés filosófico.

Para Guinsburg (1985), mais do que um movimento artístico ou uma configuração estilística, o Romantismo foi um evento sociocultural, resultado da fragmentação social, política e econômica e do aprofundamento da experiência sensível⁴, focada nas emoções e sensações humanas.

O Romantismo prevê uma nova atitude em face de todos os problemas da vida e do pensamento. Essa afirmação é também compartilhada por Martine (1991), que diz ter o Romantismo se manifestado na poesia, nas Artes, História, nas Ciências Naturais, Filosofia, Medicina, Política e Religião. Octavio Paz (1984, p. 88) escreve que “[...] a poesia romântica não foi só uma mudança de estilos e linguagens: foi uma mudança de crença, e é isto o que a distingue de outros movimentos e estilos poéticos do passado”.

Segundo Martine (1991), os românticos se abriam para escutar as vozes (sons) da natureza, possuindo um novo entendimento sobre a história da vida humana. Tratava-se de um movimento de construção de um novo olhar, uma nova ciência não tão abstrata e mecânica, de um novo homem, mais sensível aos acontecimentos do mundo e às sensações provocadas pela natureza, recebendo o auxílio da razão.

⁴ A expressão “experiência sensível” ou “mundo sensível” é utilizada neste trabalho como identificação de sentimentos, valores e concepções que a racionalidade não consegue explicar empiricamente. O termo se refere a tudo aquilo que existe, que se sente, e que o pensamento racional não visualiza, não explica, ou que não se soluciona.

Contrariamente a concepção de Luckács (2000) de que a *Frühromantik* seria uma reação antirracionalista a *Aufklärer* (esclarecimento alemão), os textos de Novalis (1989) Friedrich Schelegel (1968, 1971, 1981, 1992), Hölderlin (1988), Schleiermacher (1981) e Schelling (1988, 1993, 1994), demonstram justamente o contrário, muito embora esta relação seja ambígua, pois os pensadores do *Círculo de Jena* postulavam uma nova concepção de razão.

Segundo Pikulik (1992)⁵, os românticos representam o pensamento e o sentimento da modernidade nascente e, ao mesmo tempo, uma tendência de expansão, ampliação e também de autorrelativização presente na modernidade. Eles eram intelectuais tanto esclarecidos quanto sensitivos; seria um equívoco dizer que era avesso à razão. Assim, segundo Menhennet (1981):

A primeira impressão que se tem diante da Literatura romântica alemã, é de confusão. A mentalidade logicamente racionalista percebe categorias e distinções, e alcança a regularidade; a romântica, na qual predominam as faculdades espirituais 'interiores' liberadas, reconhece uma unidade universal e encontra, portanto, maior veracidade no caos do que em um 'sistema' que introduz divisões (MENHENNET, 1981, p. 17)⁶.

Partindo desses pressupostos, Alexander von Humboldt escreve:

Os sentimentos indefinidos e a cadeia de percepções sensoriais, e posteriormente a atividade da razão associativa, levam-nos ao conhecimento, o qual perpassa todos os níveis de formação da humanidade, de forma que um vínculo comum, como caráter de lei e por isso eterno, abarca toda a natureza viva (HUMBOLDT, 2008, p. 17)⁷.

Esta crença na irracionalidade dos textos do *Frühromantik* explica-se possivelmente pela complexa relação entre romantismo, *Frühromantik* e *Sturm und Drang*. Movimento pré-romântico, o *Sturm und Drang*, criou obras que, em razão de seu caráter pré-romântico, não coincidem com a produção dos românticos propriamente ditos. Embora assimilando algumas características deste o movimento anterior, entre elas, a valorização da

5 Die Romantiker repräsentieren das Denken und Fühlen der anbrechenden Moderne und gleichzeitig eine in der Moderne liegende Tendenz zur Erweiterung, Ergänzung und auch Selbstrelativierung. Sie sind ebenso aufgeklärte wie empfindsame Intellektuelle [...] Ein großes Mißverständnis wäre es, sie vernunftfeindlich zu nennen. (PIKULIK, 1992, p. 10) [Tradução nossa]

6 One's first impression of German romantic literature - and it is not a false one - is of confusion. The logically rationalistic mentality sees categories and distinctions and achieves orderliness; the romantic, in which the liberated 'inner' spiritual faculties dominate, sees universal unity and therefore finds more truth in chaos than in [...] the romantic, in with the liberated 'inner' spiritual faculties dominate, sees universal unity and therefore finds more truth in chaos than in divisive 'system'. (MENHENNET, 1981, p. 17) [Tradução nossa]

7 So leiten dunkle Gefühle und die Verkettung sinnlicher Anschauungen, wie später die Thätigkeit der combinierenden Vernunft, zu der Erkenntniß, welche alle Bildungsstufen der Menschheit durchdringt, daß ein gemeinsames, gesetzliches und darum ewiges Band die ganze lebendige Natur umschlinge. (HUMBOLDT, 2008, p.17) [Tradução nossa]

subjetividade, os primeiros românticos, rejeitavam ostensivamente o tumulto de emoções, a liberação irrestrita dos impulsos e os irracionalismos característicos do *Sturm und Drang*. Seu sentimentalismo, segundo Ribbat (1979), não era descomedido (diferentemente da Literatura de Entretenimento); era, de certa forma, racionalizado, cuja presença de aspectos subjetivos não implicava excesso sentimental. Não eram exclusivamente subjetivos nem sentimentalistas, sendo a subjetividade compreendida como parte integrante do intelecto, da razão.

Assim, o sentimentalismo exacerbado e pessimismo melancólico (nos moldes do mal do século ou *Weltschmerz*) não eram marcas do Romantismo alemão, mas, sim, de figuras anteriores e ou posteriores. Huch (1951)⁸ escreve que, ao contrário dos indivíduos do *Sturm und Drang*, que respiravam com predileção o ar abafado das tempestades da paixão e somente reconheciam vigor em suas próprias manifestações convulsivas, os românticos celebraram o espírito flexível que subjugou e passou a governar a brutalidade dos instintos.

Desenvolveram uma postura mais consciente e ponderada, que destoava da impulsividade passional dos *Stürmer*. Representando um momento mais amadurecido, em que o ímpeto desenfreado alcançaria o equilíbrio entre paixão e reflexão, eles combinavam razão e emoção, objetividade e subjetividade. Essa premissa fundamentava-se na Filosofia Idealista alemã, que, segundo Safranski (2007), foi também uma tentativa de superar o dualismo entre o espírito apenas subjetivo e o materialismo objetivo.

Explicando essa concepção romântica, Torres Filho (1975, p. 66)⁹ cita August Schlegel: “ambos são um: a mente considerada objetiva e sensitivamente, não é nada mais que o próprio mundo e o mundo [...] nada mais do que a própria mente”. Benjamin (1999) escreve que, para Schlegel, “Um verdadeiro sistema de fragmentos deveria ser ao mesmo tempo subjetivo e objetivo”.

Nesse contexto, Nivellet (1970) infere que, para os primeiros românticos, a subjetividade do artista correspondia à objetividade do universo, sendo o espírito formado pelos mesmos princípios do universo. Sob nossa análise, a percepção dessa relação entre objetividade e subjetividade é basilar para o entendimento da obra de Humboldt:

Consiste em ousada empresa submeter a magia do mundo dos sentidos à uma segmentação de seus elementos. Pois o caráter magnífico de uma região é definido principalmente pelo fato de os fenômenos naturais mais impressionantes se disporem diante da alma ao mesmo tempo em que a abundância de ideias e

⁸ Im Gegensatz zu den Sturm und Drang Menschen, die mit Vorliebe in der Gewitterschwüle der Leidenschaft atmeten und nur in ihren krampfhaften Äußerungen Kraft sahen, feierten die Romantiker den elastischen Geist, der die unbändige Wildheit der Triebe gebändigt hat und lenkt. (HUCH, 1951, p. 91) [Tradução nossa]

⁹ Citado originalmente em WL 1801; SW, II 125.

sentimentos é estimulada. Esse domínio conquistado sobre a mente tem a sua força associada rigorosamente à unidade do que é sentido, do não explicado. Quer-se, porém, entender a intensidade do sentimento completo a partir da diversidade objetiva dos fenômenos, então, se deve descer pela análise ao reino de determinadas formas naturais e de forças atuantes (HUMBOLDT, 2008, p. 17)¹⁰.

As críticas dirigidas aos pensadores da *Aiufklarer* e a Immanuel Kant era justamente pelo fato de os mesmos estarem presos ao conceito de razão mecanicista, que a mesma era para os *romantiker*, a-histórica e descontextualizada da vida cultural dos povos e comunidades. Assim, a sua premissa era a de que não existiria uma única razão e uma única racionalidade.

Por outro lado, estavam de acordo com a *Aiufklarer* quanto ao uso da razão, dos instrumentos, da matemática, pois também concebiam que a razão e os seus instrumentos era de fundamental importância para a compreensão do cosmos. Schlegel (1997, p. 119) escreve que: “A matemática é por assim dizer, uma lógica sensível, está para a filosofia, assim como as artes materiais, música e artes plásticas estão para a poesia”.

Além disso, segundo os pensadores do *Circulo de Jena*, a *Aiufklarer* cometia dois grandes erros, o primeiro era o de não considerarem que a estética e a sensação também eram pontos importantes em uma pesquisa científica. O segundo erro era de que a investigação científica do mundo não era uma questão epistemológica, mas sim metafísica. Portanto, a *Frühromantik* propunha a construção de uma nova metafísica em que o primado era o da organicidade da natureza. Para a realização da pesquisa científica haveria uma união indissociável entre Filosofia, Arte e Ciência, que poderia ser resumida em três premissas (BEISER, 2003):

- a) Filosofia e Ciência devem pressupor a ideia de organismo, para a compreensão da diversidade das formas da natureza;
- b) A ideia de organismo é também a ideia de estética de uma totalidade, ou seja, uma estrutura holística;
- c) A indivisibilidade e a indissociabilidade do todo estético se manifesta por meio da beleza das formas e, estas, podem ser integradas à totalidade apenas pela experiência estética.

¹⁰ Es ist ein gewagtes Unternehmen, den Zauber der Sinnenwelt einer Zergliederung seiner Elemente zu unterwerfen. Denn der großartige Charakter einer Gegend ist vorzüglich dadurch bestimmt, daß die eindruckreichsten Naturerscheinungen gleichzeitig vor die Seele treten, daß eine Fülle von Ideen und Gefühlen gleichzeitig erregt werde. Die Kraft einer solchen über das Gemüth errungenen Herrschaft ist recht eigentlich an die Einheit des Empfundenen, des Nicht-Entfalteten geknüpft. Will man aber aus der objektiven Verschiedenheit der Erscheinungen die Stärke des Totalgefühls erklären, so muß man sondernd in das Reich bestimmter Naturgestalten und wirkender Kräfte hinabsteigen. (HUMBOLDT, 2008, p. 17) [Tradução nossa]

Ao propor a união entre Filosofia, Arte e Ciência, a *Frühromantik* construiu a união entre a estética e a pesquisa científica, inaugurando assim a chamada *Naturphilosophie*, em que Alexander von Humboldt foi o maior expoente.

A CONCEPÇÃO DE NATUREZA EM ALEXANDER VON HUMBOLDT

Para a *Frühromantik* e seu braço científico, a *naturphilosophie*, a pesquisa científica deveria ser guiada pela experiência estética, onde o pesquisador-artista, não imita a natureza, mas por meio da intuição, da apreciação e do experimento, uma dimensão metafísica cria e determina a união das partes com o todo.

O modo adequado de considerar as coisas é apenas o seguinte: contemplar cada essencialidade das coisas em sua absolutez, como centro para si, e, conseqüentemente, a unidade como subsistente na infinidade, ou contemplar a identidade prototípica, a infinidade na unidade. A visão confusa e inadequada consiste, porém, em considerar a essencialidade na relação recíproca, ou seja, na mistura ou na confluência (SCHELLING, 2010, p. 68).

Assim, há uma co-produção do todo da natureza, que pode ser expresso pela linguagem e pela pintura de paisagens (BEISER, 2003). Diferentemente do idealismo de Fichte, a arte, não é uma mera quimera da imaginação guiada por uma lógica, mas um elemento metafísico que permite ao gerar símbolos, a união entre o *a priori* e o *a posteriori*, permitindo assim à razão atingir a finalidade da natureza. Devemos destacar que por símbolos, a *Frühromantik* compreendia toda a expressão cultural de um povo, como a música, a poesia, o romance, a pintura de paisagem e a ciência.

Os símbolos permitiam a fuga do dualismo kantiano que foi acirrado pelo idealismo de Fichte (BEISER, 2002, cap.1), permitindo uma especulação sistemática da natureza, em que a tese unificadora da *naturphilosophie* era a dinâmica da natureza. Esta tese estava embasada nas recentes descobertas da física, como o eletromagnetismo, os raios ultravioletas, e a química orgânica. Outro manancial importante para a formação da noção de dinâmica da natureza foi dado pela biologia, à tese da epigênese que rompeu com a noção de pré-formação dos indivíduos; além da morte da noção de flogística na química a partir dos postulados de Lavosier (LENOIR, 1978, 1981).

É neste caldo cultural que estão inseridos os trabalhos de Alexander von Humboldt. Segundo Millán-Zaibert (2004)¹¹ a filosofia-da-natureza desenvolvida por

¹¹ The romantic connection that I shall explore will shed light on Humboldt's contribution to the development of "Naturphilosophie", a contribution that has too long been overlooked by philosophers in Europe and the United States. (Millán-Zaibert, 2004, p.42). Tradução nossa.

Schelling, embora negligenciada por alguns filósofos, teve influência e contribuições de Humboldt, podendo ser evidenciada logo no primeiro capítulo do Kosmos:

Na medida que nos munimos de órgãos para indagar a natureza e transcender o espaço estreito de nossa efêmera existência, e como já não mais simplesmente observamos, mas sabemos provocar fenômenos sob certas condições, finalmente a filosofia da natureza livrou-se de sua antiga roupagem poética e incorporou o caráter sério de uma consideração ponderada de seu objeto; no lugar de intuições vagas e induções incompletas entram o conhecimento claro e a delimitação. (Humboldt, 2008, p.14)¹²

Nós tocamos aqui num ponto em que, no contato com o mundo dos sentidos, uma forma de apreciação sucede a outra como estímulo da alma, uma forma de apreciar a natureza que surge das idéias: lá onde o ordinário, o regular, na luta dos elementos rivais, não é simplesmente intuído, mas reconhecido de acordo com a razão, onde o homem diz, como o poeta imortal “procura na fuga dos fenômenos o pólo imóvel”. Para perscrutar essa forma de apreciação da natureza, que assoma das idéias, até as suas origens, basta lançar um rápido olhar sobre a história evolutiva da filosofia-da-Natureza ou da antiga doutrina do cosmos. (Humboldt, 2008, p.25)¹³.

Sob outro aspecto, esta concepção de ‘eterno devir’, leva-nos ao conceito de organismo, amplamente discutido por Schelling em sua filosofia da natureza entendida como vida que cria eternamente. Este ‘eterno devir’ responsável por uma natureza ativa e sensitiva, interna e externamente é recorrente nos textos de Humboldt:

Onde plantas sociais cobrem uniformemente o solo na planície e os olhos repousam na distância ilimitada, onde as ondas do mar quebram suavemente na margem e marcam seu caminho através de ulvas e algas verdes: em toda parte invade-nos o sentimento da natureza ilimitada, uma intuição indefinida de sua “constituição segundo leis internas e eternas”. Nesses momentos de inspiração repousa uma força misteriosa; são momentos serenos e lenitivos, fortalecem e refrescam o espírito exaurido, aliviam muitas vezes a alma quando em seu íntimo ela em dor se inquieta ou quando ela se sente tocada pelo impulso selvagem das paixões. O que de sério e solene lhes é próprio surge do sentimento quase inconsciente da ordem elevada da natureza e da sua regularidade interna; surge da impressão de imagens eternamente recorrentes, onde o geral espelha-se no que

¹² So wie der Mensch sich nun Organe schafft, um die Natur zu befragen und den engen Raum seines flüchtigen Daseins zu überschreiten, wie er nicht mehr bloß beobachtet, sondern Erscheinungen unter bestimmten Bedingungen hervorzurufen weiß, wie endlich die Philosophie der Natur, ihrem alten dichterischen Gewande entzogen, den ernsten Charakter einer denkenden Betrachtung des Beobachteten annimmt; treten klare Erkenntniß und Begrenzung an die Stelle dumpfer Ahnungen und unvollständiger Inductionen. Tradução nossa.

¹³ Wir berühren hier den Punkt, wo, in dem Contact mit der Sinnenwelt, zu den Anregungen des Gemüthes sich nach einander Genuß gesellt, ein Naturgenuß, der aus Ideen entspringt: da wo in dem Kampf der streitenden Elemente das Ordnungsmäßige, Gesetzliche nicht bloß gehndet, sondern vernunftmäßig erkannt wird, wo der Mensch, wie der unsterbliche Dichter sagt: »sucht den ruhenden Pol in der Erscheinungen Flucht«. Um diesen Naturgenuß, der aus Ideen entspringt, bis zu seinem ersten Keime zu verfolgen, bedarf es nur eines flüchtigen Blicks auf die Entwicklungsgeschichte der Philosophie der Natur oder der alten Lehre vom Kosmos. Tradução nossa.

há de mais especial; surge do contraste entre o infinito sensível e a nossa própria limitação, da qual nos empenhamos para escapar. (HUMBOLDT, 2008, p.15)¹⁴

Sendo a natureza um organismo capaz de desenvolver criativamente suas potencialidades inerentes, ao longo do tempo, esta natureza partindo da concepção uno-todo e direcionava-se para uma visão holística por excelência.

O homem, que sabe abraçar a natureza num só olhar e fazer abstração dos fenômenos particulares, reconhece como, à medida que o calor vivificante aumenta, se desenvolvem gradualmente, dos pólos ao equador, a força orgânica e a potência vital. Este incremento progressivo não impede, porém, que, a cada região, fiquem reservadas as suas belezas especiais. Aos trópicos pertencem a magnitude e variedade das formas vegetais; ao norte a vasta extensão das pradarias e o despertar da natureza, logo que começam a soprar as primeiras brisas da Primavera. Além das vantagens especiais que lhe são próprias, cada zona tem também o seu carácter determinado. Deixando certa liberdade ao desenvolvimento anômalo das partes, o organismo, em virtude de um poder primordial, submete todos os seres animados e todas as plantas a tipos definidos que se reproduzem eternamente. (HUMBOLDT, 2008a, p. 283)¹⁵

Mesmo livre e infinita, porém ela é imediatamente, por meio da afirmação incomensurável, e do recolhimento de todas as coisas na unidade de sua essência, ela própria, a totalidade das coisas, assim como um ser orgânico é todas as suas partes e constitui com elas apenas Um todo indissociável. (Schelling, 2010, p.113-114)

Esta unidade amálgama formadora de um organismo harmonioso que é trazido para o mundo empírico por Humboldt:

¹⁴ Wenn wir zuvörderst über die verschiedenen Stufen des Genusses nachdenken, welchen der Anblick der Natur gewährt, so finden wir, daß die erste unabhängig von der Einsicht in das Wirken der Kräfte, ja fast unabhängig von dem eigenthümlichen Charakter der Gegend ist, die uns umgiebt. Wo in der Ebene, einförmig, gesellige Pflanzen den Boden bedecken und auf grenzenloser Ferne das Auge ruht, wo des Meeres Wellen das Ufer sanft bespülen und durch Ulven und grünenden Seetang ihren Weg bezeichnen: überall durchdringt uns das Gefühl der freien Natur, ein dumpfes Ahnen ihres »Bestehens nach inneren ewigen Gesetzen«. In solchen Anregungen ruht eine geheimnißvolle Kraft; sie sind erheiternd und lindernd, stärken und erfrischen den ermüdeten Geist, besänftigen oft das Gemüth, wenn es schmerzlich in seinen Tiefen erschüttert oder vom wilden Drange der Leidenschaften bewegt ist. Was ihnen ernstes und feierliches beiwohnt, entspringt aus dem fast bewußtlosen Gefühle höherer Ordnung und innerer Gesetzmäßigkeit der Natur; aus dem Eindruck ewig wiederkehrender Gebilde, wo in dem Besondersten des Organismus das Allgemeine sich spiegelt; aus dem Contraste zwischen den sinnlich Unendlichen und der eigenen Beschränktheit, der wir zu entfliehen streben. (Humboldt, 2008, p.15). Tradução nossa.

¹⁵ Wer demnach die Natur mit *einem* Blicke zu umfassen und von LokalPhänomenen zu abstrahieren weiß, der sieht, wie mit Zunahme der belebenden Wärme von den Polen zum Äquator hin sich auch allmählich organische Kraft und Lebensfülle vermehren. Aber bei dieser Vermehrung sind doch jedem Erdstrich besondere Schönheiten vorbehalten: Den Tropen Mannigfaltigkeit und Größe der Pflanzenformen, dem Norden der Anblick der Wiesen und das periodische Wiedererwachen der Natur beim ersten Wehen der Frühlingslüfte. Jede Zone hat außer den: ihr eigenen Vorzügen auch ihren eigentümlichen Charakter. Die urtiefe Kraft der Organisation fesselt trotz einer gewissen Freiwilligkeit im ibnormen Entfalten einzelner Teile alie tierische und vegetabilische Gestaltung an feste, ewig wiederkehrende Typen. Sowie man an einzelzen organischen Wesen eine bestimmte Physiognomie erkennt, wie beschreibende Botanik und Zoologie im engern Sinne des Wortes Zergliederung der Tier- und Pflanzenformen sind, so gibt es auch eine Naturphysiognomie, welche jedem Himmelsstriche ausschließlich zukommt. (Humboldt, 2008a, p. 283). Tradução nossa.

Concepções gerais elevam o conceito de dignidade e de magnitude da natureza; elas atuam purificando e acalmando, porque lutam para harmonizar a discórdia dos elementos por meio da descoberta de leis, leis que prevalecem no tenro tecido de substâncias terrenas, como também no arquipélago de nebulosas adensadas, e no terrível vazio de desertos carentes de civilização. Concepções gerais nos habituam a considerar cada organismo como parte de um todo, a reconhecer na planta ou no animal menos o indivíduo, ou tipo destacado, do que a forma natural conectada com a totalidade das formações; elas expandem a nossa existência intelectual e nos põem em contato com todo o globo terrestre. (Humboldt, 2008, p.31)¹⁶

Este pressuposto quase que ‘irônico’¹⁷ entre unidade e particularidade/multiplicidade é materializado por Humboldt na forma de regiões fisionômicas caracterizadas por certa identidade unitária e distinta das demais:

Na doutrina do cosmos o particular somente é considerado em sua relação com o todo, como parte dos fenômenos mundiais; e quanto mais for elevado o ponto de vista aqui caracterizado, mais essa doutrina se tornará capaz de um tratamento peculiar e de uma exposição animada. (Humboldt, 2008, p.42)¹⁸

São mencionadas, entre outras paisagens, as Cordilheiras dos Andes e as florestas tropicais, sendo os países tropicais, os mais ricos em impressões para a mente e por isso mais indicados para sentir a unidade da natureza, cujos ‘espetáculos’ da natureza, exemplificaria sua força em estimular o espírito.

A região montanhosa próxima ao equador tem um outro mérito, ao qual não se dá suficiente atenção: é a parte da superfície do nosso planeta onde a multiplicidade de impressões produzidas pela natureza alcança seu máximo no mais estreito espaço. (Humboldt, 2008, p. 21)¹⁹

Lá se apresentam ao homem, sem dúvida na maior clareza, a conexão interna de grandes fenômenos, de recorrência periódica, e as leis simples, segundo as quais esses fenômenos se agrupam regionalmente; mas as vantagens de um conhecimento ainda que simples daquelas leis permaneceram inutilizadas (até

¹⁶ Generelle Ansichten erhöhen den Begriff von der Würde und der Größe der Natur; sie wirken läuternd und beruhigend, weil sie Zwiespalt der Elemente durch Auffindung von Gesetzen zu schlichten streben, von Gesetzen, die in dem zarten Gewebe irdischer Stoffe, wie in dem Archipel dichtgedrängter Nebelflecke und in der schauerhaften Leere weltenarmer Wüsten walten. Generelle Ansichten gewöhnen uns, jeden Organismus als Theil des Ganzen zu betrachten, in der Pflanze und in Thier minder das Individuum oder die abgeschlossene Art, als die mit der Gesamtheit der Bildungen verkettete Naturform zu erkennen; sie erweitern unsere geistige Existenz und setzen uns, auch wenn wir in ländlicher Abgeschlossenheit leben, in Berührung mit dem ganzen Erdkreise. (Humboldt, 2008, p.31) Tradução nossa.

¹⁷ Ver o conceito de ironia romântica definido por Friedrich Schlegel.

¹⁸ In der Lehre vom Kosmos wird das Einzelne nur in seinem Verhältniß zum Ganzen, als Theil der Welterscheinungen betrachtet; und je erhabener der hier bezeichnete Standpunkt ist, desto mehr wird diese Lehre einer eigenthümlichen Behandlung und eines belebenden Vortrags fähig. (Humboldt, 2008, p.42). Tradução nossa.

¹⁹ Die dem Äquator nahe Gebirgsgegend hat einen anderen nicht genugsam beachteten Vorzug: es ist der Theil der Oberfläche unseres Planeten, wo im engsten Raume die Mannigfaltigkeit der Natureindrücke ihr Maximum erreicht. (Humboldt, 2008, p. 21). Tradução nossa.

onde a ciência histórica alcança) devido ao não desenvolvimento de civilização em muitas partes dessa região venturosa. (Humboldt, 2008, p. 24-25)²⁰

Esta conexão interna, representante de certa ‘vivacidade’ autônoma é resultado da fusão entre organicidade, diversidade, unidade e espírito. Cientificamente, Humboldt objetivava demonstrar empiricamente a concepção idealista da harmonia universal da natureza concebida como um todo de partes intimamente relacionadas, num todo harmonioso movido por forças internas.

A natureza considerada racionalmente é a união na diversidade, a ligação do múltiplo em forma e composição, é o complexo de seus elementos e forças como um todo vivo. É por isso que o objetivo mais importante de uma investigação da natureza é reconhecer na diversidade a unidade, apreender a partir do individual tudo o que as descobertas dos tempos mais recentes nos oferecem, distinguir as particularidades verificando-as e, naturalmente, não se deixar vencer pela sua quantidade, ter presente a nobre determinação do ser humano e captar o espírito da natureza, que repousa oculto sob a cobertura dos fenômenos. Neste caminho, nossos esforços ultrapassam a estreita fronteira do mundo dos sentidos, e ao compreender a natureza teremos a possibilidade de controlar de alguma forma a matéria bruta da experiência através das idéias. (HUMBOLDT, 2008, p.14-15)²¹

Este complexo de elementos e forças responsável por esta vivacidade entendida como espiritual e incompreensível é identificada por Humboldt como um cenário de criações livres, alcançadas somente com a ajuda dos sentidos:

Pois o desmedido, e mesmo o terrível na natureza, tudo o que está além da nossa capacidade de compreensão, torna-se fonte de prazer num cenário romântico. A imaginação exercita então o livre jogo de suas criações naquilo que não pode ser alcançado completamente pelos sentidos; seu efeito adquire uma outra direção na disposição da alma do observador. (HUMBOLDT, 2008, p.16)²²

²⁰ Der innere Zusammenhang großer, periodisch wiederkehrender Erscheinungen, die einfache Gesetze, nach denen diese Erscheinungen sich zonenweise gruppieren, bieten sich dort allerdings dem Menschen in größerer Klarheit dar; aber bei den Ursachen, welche in vielen Theilen dieses glücklichen Erdstrichs dem localen Entstehen hoher Gesittung entgegengetreten, sind die Vortheile eines leichteren Erkennens jener Gesetze (so weit geschichtliche Kunde reicht) unbenutzt geblieben. (Humboldt, 2008, p. 24-25). Tradução nossa.

²¹ Die Natur ist für die denkende Betrachtung Einheit in der Vielheit, Verbindung des Mannigfaltigen in Form und Mischung, Inbegriff der Naturdinge und Naturkräfte, als ein lebendiges Ganze. Das wichtigste Resultat des sinnigen physischen Forschens ist daher dieses: in der Mannigfaltigkeit die Einheit zu erkennen, von den Individuellen alles zu umfassen, was die Entdeckungen der letzteren Zeitalter uns darbieten, die Einzelheiten prüfend zu sondern und doch nicht ihrer Masse zu unterliegen, der erhabenen Bestimmung des Menschen eingedenk, den Geist der Natur zu ergreifen, welcher unter der Decke der Erscheinungen verhüllt liegt. Auf diesem Wege reicht unser Bestreben über die enge Grenze der Sinnenwelt hinaus, und es kann uns gelingen, die Natur begreifend, den rohen Stoff empirischer Anschauung gleichsam durch Ideen zu beherrschen. (Humboldt, 2008, p.14-15). Tradução nossa.

²² In diesen Scenen ist es nicht mehr das stille, schaffende Leben der Natur, ihr ruhiges Treiben und Wirken, die uns ansprechen; es ist der individuelle Charakter der Landschaft, ein Zusammenfließen der Umriss von Wolken, Meer und Küsten im Morgendufte der Inseln; es ist die Schönheit der Pflanzenformen und ihrer Gruppierung. Denn das Ungemessene, ja selbst das Schreckliche in der Natur, alles was unsere Fassungskraft übersteigt, wird in einer romantischen Gegend zur Quelle des Genusses. (Humboldt, 2008, p.16). Tradução nossa.

Esta organicidade interna é também inerente aos processos fundamentais da natureza dita inorgânica. Como organismo, Schelling (2010) reúne natureza orgânica e não orgânica, regidas por um único e mesmo princípio, possuidoras de uma mesma identidade:

Aquilo que chamamos de matéria orgânica e matéria inorgânica são de novo elas mesmas apenas potências daquela primeira identidade. Na medida em que o corpo celeste (*Weltkörper*) não é, em sua primeira identidade, inorgânico, ele é ao mesmo tempo orgânico, não no sentido de que ele não tem em si mesmo, ao mesmo tempo, o inorgânico ou a matéria (*Stoff*), a qual estaria excluída do orgânico. Nós chamamos animal apenas o animal relativo, para o qual a matéria (*Stoff*) de sua subsistência está na matéria (*Materie*) inorgânica. O corpo celeste, porém, é o animal absoluto, que tem em si tudo que ele necessita, portanto também aquilo que para o animal relativo ainda está fora dele como matéria inorgânica. (SCHELLING, 1997, p.189-190)²³

Esta identidade unitária é descrita por Humboldt como um ‘impulso íntimo’ e em Novalis se relacionaria a uma força interna que ligaria seres animados e seres inanimados, tornaria o homem igual a estes seres. Este princípio idêntico, que ligava orgânico e inorgânico:

As relações com as forças da natureza, os animais, as plantas, as pedras, as tempestades e as ondas devem necessariamente tornar os homens iguais a esses objectos; e esta assimilação, esta transformação e esta resolução do humano e do divino em ingovernáveis forças, constituem o verdadeiro espírito da natureza, essa atroz devoradora. Tudo quanto vemos não será, porventura, um roubo feito ao céu, às ruínas imensas da glória de outrora e restos de uma abominável ceia? (NOVALIS, 1989, p.49)

O objetivo dessa conferência introdutória não era somente descrever a importância do conhecimento da natureza, que é reconhecido universalmente, e já há muito pode viver sem qualquer elogio; coube a mim, antes, explicar como, sem prejudicar os estudos fundamentais das disciplinas específicas, os esforços científicos podem ser levados a um ponto de vista superior, a partir do qual todas as criaturas e forças se manifestem como um todo natural, animado por um impulso íntimo. (HUMBOLDT, 2008, p. 41)²⁴

²³ Von jener Identität sind also das, was wir organische und unorganische Materie nennen, selbst wieder nur Potenzen. Insofern ist der Weltkörper in seiner ersten Identität nicht unorganisch, da er zugleich organisch ist; nicht organisch in dem Sinn, daß er nicht zugleich das Unorganische oder den Stoff, den das Organische außer sich hat, in sich selbst hätte. Wir nennen Thier nur das relative Thier, für welches der Stoff seines Bestehens in der unorganischen Materie liegt; der Weltkörper aber ist das absolute Thier, das alles, dessen es bedarf, also auch das, was für das relative Thier noch als unorganischer Stoff außer ihm ist, in sich selbst hat. (Schelling, 1857, p.189-190). Tradução nossa.

²⁴ Der Zweck dieses einleitenden Vortrages war nicht sowohl, die Wichtigkeit des Naturwissens zu schildern, welche allgemein anerkannt ist und längst schon jedes Lobes entbehren kann; es lag mir vielmehr ob, zu entwickeln, wie, ohne dem gründlichen Studium specieller Disciplinen zu schaden, den naturwissenschaftlichen Bestrebungen ein höherer Standpunkt angewiesen werden kann, von dem aus alle Gebilde und Kräfte sich als ein, durch innere Regung belebtes Naturganze offenbaren. (Humboldt, 2008, p. 41). [Tradução nossa].

Alexander von Humboldt, não somente incorporou a filosofia-da-natureza como a transformou dotando-a de empiricidade e sua Geografia revela a organicidade do Cosmos da *Friihromantik* como uma entidade organizada e unitária. O sentimento de pertencer ao uno-todo, o sentimento de ser um momento orgânico da totalidade: o todo se reflete de alguma forma no homem, e o homem se reflete no todo. A unidade da natureza, já percebida na Antigüidade Clássica²⁵, e reinventada por Schelling, pode ser explicada pela investigação dos fenômenos físicos feita por Humboldt (SPRINGER, 2013).

Nesse sentido, natureza, mundo e universo constituíam facetas da realidade, as quais se confundiam num organismo único, que era compreendido como um todo. Em Humboldt, a reflexão sobre o Cosmos²⁶ era a reflexão sobre a natureza. A reflexão sobre o cosmos constitui a ideia de natureza que integra os objetivos científico-filosóficos de Alexander von Humboldt e penetrar em sua história e em seus domínios nos leva aos fundamentos filosóficos do seu projeto científico.

Este projeto materializa-se na obra *Essay on the Geography of Plants* (HUMBOLDT; BONPLAND, 2009), em que o autor trilha uma escrita e um discurso associados à ciência moderna, focalizada em uma prosa científica rigorosa, mas ao mesmo tempo poética e lírica, onde a estética é a estrutura chave para a construção de suas interpretações. Além de sua percepção artística sobre a relação entre a distribuição geográfica das plantas e suas relações com a geologia e a climatologia, Humboldt assevera sobre a relação destas com as comunidades humanas, levando-o a tematizar a paisagem enquanto uma experiência estética reveladora do espaço. Sob o ponto de vista estritamente científico, Humboldt constrói vários conceitos ecológicos, tais como, comunidade de plantas, diversidade ecológica, inércia vegetacional (que seria para ele a resistência de uma comunidade vegetacional em resistir a uma mudança) e influência mútua da vegetação e do ambiente nas regiões naturais. Ao mesmo tempo reconhece a influência das transformações biogeográficas na história da Terra, a ponto de falar em uma co-evolução orgânica entre a Terra, os seres vivos e as comunidades humanas.

Neste momento, Humboldt também assevera sobre a utilização das plantas pela humanidade e o papel desta Geografia das Plantas na migração dos povos, discutindo também a influência climática nos tipos vegetais e na organização social das comunidades.

²⁵ Sob influência dos filósofos gregos a filosofia-da-natureza ou filosofia natural, foi e, assim como na antiguidade, discutia as causas primeiras ou os princípios primeiros do mundo. Para Aristóteles (324 - 322 a. C.) (2002), a física, a ou ciência da natureza, corresponde aos domínios da própria filosofia-da-natureza.

²⁶ O grego *cosmos* foi traduzido para o Latim: *mundus*

Nesta obra em questão, assim como nos *Quadros da Natureza* [Ansichten zur Natur] (HUMBOLDT, 2008a) e na obra *Kosmos* (HUMBOLDT, 2008b), a experiência estética aparece como a estrutura que norteará a pesquisa científica e onde a filosofia-da-natureza de Schelling torna-se pragmática, empírica, realizando aquilo que Novalis (1989) falava sobre a Geografia e o geógrafo enquanto arquiteto capaz de desmistificar o todo orgânico que é a natureza:

Ter-se-á, simplesmente, que encorajar todo o homem a prosseguir até onde puder no seu caminho; bem-vindo quem souber tecer uma nova fantasia sobre as coisas. Não vos parece que os bem combinados sistemas são precisamente aqueles onde o futuro geógrafo da natureza pode encontrar os pontos de referência do seu grande mapa da natureza? Vai compará-los entre si, e esta comparação há-de ensinar-nos, antes de mais, a conhecer a terra singular. Apesar disso, o conhecimento da natureza será incomensuravelmente diferente da interpretação que assim fizermos. Talvez o matemático propriamente dito consiga suscitar, ao mesmo tempo, um maior número de forças da natureza, pôr fenómenos anais grandiosos e úteis em movimento; poderá fazê-la vibrar como um instrumento gigantesco, mas não saberá, ainda assim, compreendê-la. Este dom pertencerá ao historiador da natureza, ao vidente dos tempos e a quem observar o significado das coisas conhecendo o superior cenário da história natural, que o universo é, e antecipadamente fizer o seu anúncio. (Novalis, 1989, p.65).

Um tal domínio ainda é desconhecido e sagrado. Só uns certos enviados divinos disseram umas tantas palavras que pertencem a esta ciência superior; e é estranho que tantos espíritos, cheios de pressentimentos, se distraíssem deles e pretendessem rebaixar a natureza até ao nível de máquina sem passado nem futuro. (Novalis, 1989, p.65-66).

CONTRIBUIÇÕES DA FRÜHRMANTIK E DA CONCEPÇÃO DE NATUREZA/COSMOS DE ALEXANDER VON HUMBOLDT AO ATUAL DEBATE TEÓRICO-METODOLÓGICO NA GEOGRAFIA FÍSICA

A questão que colocamos é se realmente há uma Geografia Física? Este questionamento inicial conduz a uma questão central, qual seja, há uma teoria da geografia física? Ou na realidade aquilo que chamamos de Geografia Física é um conglomerado de subdisciplinas, muitas das quais com campos epistemológicos autônomos, como é o caso da geomorfologia e da climatologia?

Em texto anterior (VITTE, 2011) tratamos *in passant* desta problemática quando por meio de amplo levantamento em periódicos nacionais e internacionais abordamos o debate sobre a fragmentação de subdisciplinas da geografia física, muitas inclusive adquirindo *status de independência* ou se agregando a outras temáticas e gerando novas formas de conhecimento da atual realidade. É o caso das ciências do quaternário que na Inglaterra estão surgindo a partir de um forte atrelamento da geomorfologia à geologia sedimentar e a

biogeografia. Obviamente que devemos nos posicionar para o fato de que esta situação é também produto de uma nova realidade da modernização capitalista e de uma nova ontologia social, que exige novas explicações e cognições do sistema Terra-Mundo.

Se tomarmos apenas sob o ponto de vista epistemológico, as questões tornam-se circulares e ao mesmo tempo acabam por derramar nuvens do tipo “cumulus nimbus” sobre a própria situação de debate relativa à Geografia e a geografia física em particular.

O que estamos defendendo aqui é que não façamos um debate sobre os progressos ou avanços teórico-metodológicos na Geografia Física, mas sim uma inversão, tal qual a *Frühromantik* fez com a problemática da razão na *Aufklärer* e no sistema kantiano, ou seja a de buscar os alicerces metafísicos da Geografia, que como colocado naquele momento envolveu a noção de natureza.

Enquanto totalidade orgânica, a mesma fundamentou uma visão moderna de natureza, reinterpretando-a não mais como uma simples máquina, mas como uma totalidade viva, um Cosmos em múltiplas interconexões, um devir, uma *poiesis* orgânica que se realiza em uma experiência estética que une o subjetivo e o objetivo.

Obviamente que agora, em pleno século XXI, o próprio sentido da ideia de natureza e de organicidade se transformou, mas isto não anula o debate, pois os avanços científicos e culturais potencializam mais do que naquela época o avanço da reflexão sobre a estrutura filosófica que deveria embasar nossa epistemologia. Assim, o debate não é epistemológico, antes, para que ele aconteça é necessário um debate filosófico, para buscar ou mesmo reconstruir as pontes da organicidade da natureza em termos de conexão, relações, interdependência, totalidade e cosmos.

Devemos tomar a exemplo de Humboldt a noção de Cosmos não a de totalidade, pois esta implica em um sistema que em si exige fronteiras, enquanto que a de cosmos nos coloca perante uma natureza, um devir, uma possibilidade de potencialidades. Potencialidades inerentes também à concepção de dinamicidade interna e externa que independe do homem adquirindo, assim, vida, vontade e razões próprias. Portanto, a concepção de Cosmos nos colocaria frente à necessidade de discutir uma nova filosofia-da-natureza e a partir daí poderíamos com firmeza discutir a epistemologia e as metodologias da Geografia Física.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A frühromantik não necessariamente coloca-se contrária ao esclarecimento, mas questiona a forma como o mesmo cristalizou a noção de razão, onde não havia espaço para a sensibilidade e a estética. A partir disto, a razão e a natureza não foram concebidas como partes ou totalidades fragmentadas, antes, como um único ser que se manifesta de variadas formas e complexidades espaço-temporais. Assim, o estudo da natureza e do homem, não foi concebido como um problema epistemológico, mas antes de tudo filosófico, ontológico, onde a noção de organicidade da natureza rompe o imperativo categórico da razão kantiana e coloca o papel da sensibilidade e da estética como necessárias aos programas científicos.

A releitura dos programas de Leibniz e Spinoza, como por exemplo, a questão da coexistência dos seres e dos seres contidos em seres e o da indeterminação do destino, portanto o legado da liberdade, potencializam a riqueza de manifestação multiescalar da natureza e das razões. Em outras palavras, estavam plantadas as bases do programa de Herder sobre a relação espaço-natureza-cultura, donde emergirá que o espaço geográfico é relativo e relacional, não havendo, portanto uma cultura ou razão superior e o cosmopolitismo é relativo à historicidade das comunidades. E, será que não estariam montadas neste momento as bases para o conceito ritteriano de Erdkunde?

Alexander von Humboldt atrelado aos programas kantiano, de um lado, onde a Geografia é a base propedêutica para o conhecimento do mundo, onde o espaço geográfico é o fundamento da modernidade e da Frühromantik de outro, onde a natureza é uma constante interconexão em perpétuo desenvolvimento, gerando seres com as mais diversas dimensões escalares; desenvolve o programa metodológico para a Geografia, onde a paisagem geográfica é de um lado o produto de uma dialética constante entre o racional e o sensível, mas por outro, é produto de uma reflexão ontológica e fenomênica, pois permite o sujeito situar-se perante a dinâmica do mundo e ao mesmo tempo lhe fornece a sensação de pertencimento existencial perante esta modernidade nascente que desalojou a segurança do ente.

REFERÊNCIAS

BEISER, Frederick C. **The fate of reason. German philosophy from Kant to Fichte.** Cambridge: Harvard University Press, 1987.

_____. **German Idealism. The struggle against subjectivism 1781-1801.** Cambridge: Chicago University Press, 2002.

_____. **The Romantic Imperative.** Cambridge: Harvard University Press, 2003.

- BOWIE, Andrew. **Schelling and Modern European Philosophy: an introduction**. London: Routledge, 1993.
- FURST, Lilian. **Romanticism**. London: Coltda, 1971.
- GUINSBURG, Jacob (Org.). **O Romantismo**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- HUCH, Ricarda. **Die Romantik**. Tübingen; Stuttgart: Rainer Wunderlich, 1951.
- HUMBOLDT, Alexander. **Kosmos**. Werke, Band VII/1: Darmstädter Ausgabe, 2008.
- _____. **Ansichten zur Natur**. Werke, Band V: Darmstädter Ausgabe, 2008a.
- _____. **Kosmos**. Werke, Band VII/2: Darmstädter Ausgabe, 2008b.
- HUMBOLDT, Alexander; BONPLAND. **Essay on the Geography of Plants**. Chicago: Chigado University Press, 2009.
- LAMORE, Charles. **The Romantic Legacy**. New York: Columbia University Press, 1996.
- LENOIR, Timothy. Generational factos in the origin of Romantische Naturphilosophie. **Journal of the History of Biology**, n. 11, p. 57-100, 1978.
- _____. The Göttingen school and the development of transcendental Naturphilosophie in the Romantic Era. **Studies in History of Biology**, n. 5, p. 111-125, 1981.
- _____. **Instituindo a ciência: a produção cultural das disciplinas científicas**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.
- LUKÁCS, Georg. **A Teoria do Romance**. São Paulo: Editora Duas Cidades/Editora 34, 2000.
- MARTINE, Fritz. **Deutsche Literaturgeschichte**. Kröner: Stuttgart, 1991.
- MENHENNET, Allan. **The romantic movement**. London: 1981.
- MILLÁN-ZAIZBERT, Elizabeth. A 'Romantic' encounter with Latin America. In: ERICKSON, Raymond; FONT, Mauricio; SCHWARTZ, Brian (Coord.). **Alexander von Humboldt: from the Americas to the Cosmos**. Center for Wester Hemisphere Studies, University of New York, New York, 2004. Disponível em: <http://web.gc.cuny.edu/dept/bildn/publications/AlexandervonHumboldt.shtml>
- NIVELLE, Armand. **Frühromantische Dichtungstheorie**. Berlim, 1970.
- NOVALIS, F. von H. **Pólen: fragmentos, diálogos, monólogo**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 1988.
- _____. **Werke**. Verlag: C. H. Beck, 2001.
- _____. **Heinrich von Ofterdingen**. Stuttgart, 2008.
- _____. **Os discípulos de Saís**. Lisboa: Editora Hiena, 1989.
- PAZ, Octavio. **Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1984.
- PIKULIK, Lothar. **Frühromantik: Epoche, Werke, Wirkung**. München: Beck, 1992.
- RIBBAT, Ernst. Die Romantik: Wirking der Revolution und neue Formen literarischer Autonomie. In: ZMEGAC, Viktor et al. (Org.). **Geschichte der deutschen Literatur: vom 18. jahrhundert bis zu Gegenwart**. Königstein Ts: Athenäum, 1979. v 1/2. p. 92-178.

- RICHARDS, Robert. **The Romantic conception of life**. Chicago: Chicago University Press, 2002.
- RÖTZER, Hans Gerd. **Geschichte der deutschen Literatur**. Buchners Verlag: Bamberg, 2006.
- SAFRANSKI, Rüdiger. **Romantik: Eine deutsche Affäre**. München: Germany, 2007.
- SCHLEGEL, A. W (Org.). **Die Kunstlehre: Kritische Schriften**. Verlag: Stuttgart, 1963. v. 2.
- _____. **Lucinde**. Frankfurt a. M.: Ullstein, 1987.
- _____. **O dialeto dos Fragmentos**. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- _____. **Conversa sobre a Poesia e outros Fragmentos**. Tradução de Víctor-Pierre Stirnmann. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph von. Vorlesungen über die Methode des akademischen Studiums. In: SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph von. **Sämtliche Werke**. Stuttgart, Ausburg, 1857. v. 2. Disponível em: <<http://archive.org/details/smtlichewerke02sche>>
- _____. Erster Entwurf eines Systems der Naturphilosophie. In: SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph von. **Sämtliche Werke**. Stuttgart, Ausburg, 1858. v. 3. Disponível em: <<http://archive.org/details/ab1smtlichewe03sche>>
- _____. **Escritos filosóficos**. Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- _____. **Investigações filosóficas sobre essência da liberdade humana**. Lisboa: Edições 70, 1993.
- _____. **Sämtliche Werke**. Total Verlag: Elektronische Version, 1997.
- _____. **Filosofia da Arte**. São Paulo: Ed. da USP, 2001.
- _____. **Aforismos para Introdução à Filosofia da Natureza e Aforismos sobre Filosofia da Natureza**. Rio de Janeiro: Ed. da PUC-Rio, 2010.
- SPRINGER, Kalina Salaib. **A Frühromantik e as concepções da natureza, ciência e arte em Alexander von Humboldt**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. **O Espírito e a Letra: a crítica da imaginação pura em Fichte**. São Paulo: Ed. Ática, 1975.
- VITTE, Antonio Carlos. A caixa de pandora à teia do Cosmos: uma contribuição ao debate sobre a reestruturação da geografia física. In: FIGUERÓ, Adriano; FOLETO, E. M (Orgs.). **Diálogos em Geografia Física**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011. p. 11-41.

Recebido em: 18/12/2013

Aceito em: 28/02/2014